

RACISMO E SOFRIMENTO EM TEMPOS DE PANDEMIA

No vídeo “Racismo e sofrimento em tempos de pandemia”, produzido pelo canal Conversa Psi, no YouTube, o psicólogo e psicanalista Ronaldo Coelho, conversou com a psicóloga Andréia Alves, sobre sofrimento psíquico da pessoa negra em tempos de pandemia. A fala da psicóloga traz reflexões acerca do racismo estrutural, que desumaniza a pessoa negra, a impede de ocupar lugares nos diversos espaços sociais, interfere negativamente na construção de sua subjetividade, interdita toda a potência da capacidade de ser, enquanto pessoa e cidadã dentro da sociedade e perpetua o poder da branquitude através da desigualdade social. Neste momento, onde o isolamento social é a única possibilidade de conter a propagação de um vírus desconhecido e de rápido contágio, a desigualdade social do país fica ainda mais acentuada. A conversa convida a todos, negros e brancos, cada um do seu lugar de fala, para reflexão acerca deste sofrimento.

Ronaldo Coelho - Hoje a ideia é que a gente possa mostrar que mesmo nesse momento de pandemia faz sentido falar de racismo, faz sentido a gente falar a partir desse recorte da questão do sofrimento.

Andréia Alves - Sim, acho que ainda mais nesse momento onde todos estamos sofrendo, mas é inegável que alguns estão sofrendo muito mais que outros, considerando que a sociedade brasileira foi desenvolvida em cima de uma estrutura racista. Estrutura essa que coloca a população negra na base da pirâmide social, sem condições e oportunidades de ascensão. Onde a maior parte de nós negros está nas favelas, tem empregos subalternos, subempregos, tem que trabalhar de manhã para poder conseguir o alimento daquele dia. Enquanto algumas pessoas têm o privilégio de poder fazer isolamento social ou estar minimamente afastada fisicamente das outras pessoas, como orienta a Organização Mundial de Saúde, cientistas e especialistas da área da saúde, a maior parte da população negra não consegue seguir essa medida de proteção porque mora em casas muito pequenas, sem ventilação, muitas pessoas dentro de um espaço pequeno, muitos sem condições de comprar produtos de higiene, por vezes até mesmo sem água.

Ronaldo Coelho - Uma das coisas que tenho falado bastante nas minhas lives sobre esse momento de pandemia em relação ao uso dos espaços, é ter uma divisão na casa. Uma pessoa fica de manhã num quarto, outra em outro quarto, outra na sala, pensando nas pessoas que trabalham em casa. Mas percebo que quando penso e falo desta organização estou falando de uma casa que tenha esses cômodos todos, às vezes, como você está trazendo aqui, não tem. Como fazer quando moram algumas pessoas dentro de um lugar que não tem a possibilidade desse tipo de divisão? Como organizar esse espaço no momento em que todo mundo tem que ficar dentro de casa como medida de proteção?

Andréia Alves – Sim, como dividir espaço se não existe espaço? Como fazer isolamento onde não há possibilidade de isolar? Além disso, é sabido que a violência doméstica aumentou. Ficar em casa e dividir os espaços e o tempo estão juntos às preocupações do dia-a-dia, às preocupações advindas desse momento de pandemia, e tudo isso possivelmente contribuindo para aflorar os ânimos e aumentar a tensão. A violência que já existia, ainda que pouco explicitada, pode ficar potencializada devido ao aumento da tensão. E para onde correr se o espaço que deveria ser seguro, a casa, é o espaço onde acontece a violência e lá fora, seja na rua ou na casa de outras pessoas não é mais possibilidade de refúgio? E continuando a pensar a necessidade de isolamento como medida de proteção individual e coletiva e o sofrimento, confirmamos a brutal desigualdade advinda do racismo estrutural ao olhar, não somente as favelas, mas também a população carcerária e os moradores de rua, onde a maioria das pessoas é negra.

Ronaldo Coelho - Nessas situações que você vai falando, não é que não tem brancos, mas mesmo nessas situações, as pessoas que são brancas tendem a sofrer menos. Lembro de uma pesquisa de mestrado ou doutorado, não me recordo ao certo, sobre branquitude, que traz o relato de um morador de rua, branco. Ele fala que reconhece que tem privilégios, mesmo sendo morador de rua, em relação ao colega dele negro. Relata que quando entra no shopping para usar o banheiro, o segurança não vai atrás para tirá-lo, mas o colega negro sempre é retirado pelo segurança. Então diz perceber que ele pode usar o banheiro do shopping para fazer suas necessidades, mas o colega não pode.

Andréia Alves – Sim, isso mesmo. Outra que pensei agora, embora não tenha lido nada sobre neste momento de pandemia, é referente ao tratamento dado aos negros nos atendimentos. É sabido, através de estudos, que a gestante negra recebia menor dosagem de anestesia na hora do parto, porque entendia-se que a mulher negra era mais resistente a dor, ou seja, como se o corpo negro fosse menos humano. Sendo assim, me pergunto como será que está acontecendo agora? Como estão os critérios para decidir quem precisa de atendimento e quem não precisa? Quem precisa ser atendido com urgência e quem pode esperar?

Ronaldo Coelho - Pois é! Como a população negra está sendo atendida e o quanto seu sofrimento psíquico ou sua dor física estão sendo negligenciados ou não nesses ambientes?

Andréia Alves – Sim, é preciso falar, pensar e agir sobre isso. Sabe-se da importância de ter boa saúde física e mental, sobretudo nesse momento, para que não caia a imunidade. Considerando que a maioria da população pobre, com poucos recursos financeiros, é negra, é essa população que terá menos ou nenhum recurso para ter alimentação adequada. Muitos sem nenhum recurso para ter alguma alimentação, sequer. Atividade física, que tanto se fala da importância, é luxo, ainda que seja atividade para fazer em casa. Que casa? Que espaço? Em que hora? Uma vez que a prioridade, mesmo antes da pandemia, é sobreviver. E vamos pensar na saúde mental. Quantos têm condições de pagar um especialista para cuidar de sua saúde mental? E mais, quantos se permitem pensar na sua saúde mental? É preciso abrir mão de alguns gastos, de comprar e pagar algumas coisas para pagar esse especialista para ajudar na saúde mental. O lugar da saúde mental costuma ser colocado como frescura. "Não precisa". "Eu não preciso disso". Porque foi nos ensinado que o que a gente precisa é de trabalho braçal mesmo. Que para conseguir alcançar o que a gente almeja é só trabalhando desta forma. E mais, por décadas só foi possível almejar o que foi dito que seria possível que almejássemos. Porque sempre foi imposto a nós que a gente pode almejar até certo ponto, porque é o que nos cabe, dali para cima não nos cabe. Então, pensar que a gente precisa cuidar da nossa saúde mental, das nossas questões emocionais, da nossa subjetividade, é muito novo, é devagar. Estamos conseguindo realizar mobilizações e chamar mais gente para essa conversa. Bacana que você está aqui tendo essa conversa comigo, para que a gente possamos também levar essa conversa para mais pessoas e ir caminhando para mudar a estrutura da nossa sociedade. Para nós negros podermos pensar, entender, almejar ocupar outros espaços, ter outros lugares e sonhar com coisas que foram tiradas de nós. Coisas que não podíamos ter como objetivo. E hoje, após tanta luta, está sendo possível ver pessoas negras ocupando mais espaços sociais. Ainda não é tanto quanto gostaríamos, como deveria e precisaria ser, dadas as proporções em quantidade de brancos e negros no país, mas atualmente temos muito mais representatividade comparada à minha infância e adolescência, por exemplo. O fato de eu estar aqui, falando nesse canal, do lugar de professora, pedagoga, psicóloga é bastante importante. E quero dizer que é muito difícil para mim está aqui falando (risos).

Ronaldo Coelho - E nessa linha que você está dizendo, de não ser possível reconhecer que se sente dor física, como fica para reconhecer que existe a dor psíquica, que é essa invisível? Como fica o sofrimento, que é subjetivo e que historicamente é negligenciado? E que quando aparece a fala é essa coisa do vai lá passar roupa, vai lavar um cesto de roupa suja, vai lavar a louça que passa. Sempre colocando a dor psíquica no lugar de frescura, de ser fraqueza. De que olhar para sua dor é ser fraco. Historicamente o lugar dessa dor é negado e a possibilidade de olhar o sofrimento já é fraqueza e a fraqueza para a população negra é negada. Não pode. E isso dito por pessoas que amam umas às outras. Familiares mesmo. Pais que amam os filhos, que negam esse lugar de olhar o sofrimento. Na cabeça deles é um gesto de amor ao filho. Você não pode ser fraco. É aquela coisa que se ouve tanto, né?! Você tem que ser três vezes melhor do que uma pessoa branca para estar no mesmo nível que ela. Então nunca pode ser fraco. E, se olhar para o sofrimento já é ser fraco, então a negação do sofrimento é algo bastante possível.

Andréia Alves - Sim ela está posta, né? É preciso negligenciar, passar por cima dessa dor para conseguir seguir adiante. Mas só que ela está lá, ela está lá batendo na porta e vai crescendo, vai aumentando e de alguma forma vai sair. Seja pela via de algum transtorno psíquico, seja pela via de doenças no organismo...

Ronaldo Coelho - Ou das limitações como você disse, né? Porque dói tanto e me faz sofrer tanto, que eu nem encaro, eu me acovardo, eu acho que é assim mesmo tem que ser.

Andréia Alves – Sim, vai engolindo. É isso. É igual a história do engole o choro. Então engole a dor. Só que você vai engolir e ela vai estar lá, ela vai estar dentro de você e isso vai refletir em diversas coisas. Na autoestima, desenvolvendo sentimento de desvalia, interferindo nos diversos tipos de relacionamento, seja nas relações amoras, familiares, de amizade, de trabalho, acadêmicas. “Esse lugar não é para mim”. É um sofrimento que vai se espalhando, ocupando todos os espaços da vida da pessoa.

Ronaldo Coelho - E nem é visto como sofrimento. Muitas vezes, nem se permite ver dessa forma. "Ah, só não é para mim e pronto". Se nega essa outra dimensão e nós psicanalistas sabemos o quanto é importante cuidar desse sofrimento, justamente para que se possa ir além.

Andréia Alves - Outra questão também muito forte é a questão do enxergar-se negro. A gente cresce entendendo que somos feios, porque é isso que dizem a nós. O nosso cabelo é feio, a nossa cor de pele é feia, os nossos trejeitos são feios... leva-se um tempo para entender-se negro, para aceitar-se negro. A gente vai se formando negro. É preciso fazer esse caminho para conseguir nos aceitar. Os homens precisam ter uma determinada virilidade, precisam corresponder à fantasia de que homem negro é viril.

Ronaldo Coelho - É o estereótipo daquela pessoa que faz o escravo da novela da Globo. Forte, grande...

Andréia Alves – Isso! É tomado por essa hipersexualização. E mais... dentre outras coisas... cabelo não pode deixar crescer, tem que raspar. Não pode mostrar porque o cabelo é crespo e quanto maior o cabelo mais mostra a negritude. A mulher tem que alisar o cabelo. É hipersexualização. Tem o estereótipo da mulata. E vai sendo colocado que o nosso lugar é esse, da hipersexualização, da hipersensualização e hiper erotização do corpo. E quanto mais você puder esconder os seus traços de negritude melhor. E só alguns lugares que te cabem. Esporte e cultura, desde que seja pela via da hipersexualização ou alguns poucos outros que sirvam para entreter, como futebol, samba... Não que sejam coisas ruins, muito pelo contrário, a gente tem que exaltar sim. No entanto, não é só esse lugar que nos cabe. E ao ser imposto que são somente esses espaços que podemos ocupar tem também aí dor e sofrimento.

Ronaldo Coelho - Você tá falando dessa coisa "Ah, você não tem cara de juiz". "Ah, você não tem cara de médico". Ou "você não tem cara de psicanalista".

Andréia Alves - É bacana as pessoas pensarem, por quantos médicos negros ou médicas negras elas já foram atendidas.

Ronaldo Coelho - Psicólogos, também.

Andréia Alves - Psicólogos, também.

Ronaldo Coelho - Quantos psicólogos, psicólogas negras existem?

Andréia Alves - Sim, por vezes eu já tive procura de amigas, amigos, querendo indicação de psicólogo negro ou psicóloga negra e eu tive dificuldade de pensar em alguém, porque conheço poucos. E quanto mais a gente vai acendendo socialmente, profissionalmente, menos pares negros encontramos. E considerando tudo que conversamos e pensando sobre este momento de pandemia, não dá para dizer que estamos todos juntos passando por isso. Que o vírus atinge igualmente a todos.

Ronaldo Coelho - Vai atingir de forma diferente.

Andréia Alves - Sim, ele vai atingir da maneira que está estruturada a sociedade, com a tamanha desigualdade que é a nossa sociedade.

Ronaldo Coelho - Se há tão fortemente essa dimensão do lugar, forçosamente e historicamente destinado, no momento em que se exige uma reconfiguração de si no novo mundo que vai agora surgir, onde muitas profissões vão deixar de existir, é difícil ter que encarar isso, mas muitas profissões vão deixar de existir. E como fica, né, essa coisa de você realmente se reconstruir? Porque vai ser necessário se autorizar a ocupar outro lugar. Outro lugar que antes talvez entendesse que não era para você. Fico também pensando, acho que até tem sido ponto de discussão em outros espaços... uma grande parte das mulheres negras trabalha como empregada doméstica ou em serviços que hoje foram dispensados, como faxina, por exemplo. Essas pessoas devem estar sofrendo muito com os efeitos da pandemia.

Andréia Alves – Com certeza! Este momento escancara o quanto é urgente e necessário pensar políticas públicas de proteção social. Rever, melhorar e ampliar as que já existem, como por exemplo o Bolsa Família, para que as pessoas tenham, minimamente, condições de buscar outras coisas, outros serviços, de conseguir seu sustento. E conseguir sustento de maneira minimamente digna, porque a dignidade nos coloca num lugar onde é possível acreditar em si. Tira desse do lugar de quem está pedindo esmola. Lugar este que tira da pessoa toda a potência que se pode ter enquanto indivíduo, enquanto alguém dentro da sociedade. Não ter nem para o próprio sustento traz um sofrimento, uma marca no seu ser, na sua subjetividade, enfim... precisamos, sim, lutar por políticas de afirmação social, de afirmação das chamadas minorias, sobretudo, das questões raciais. Precisamos, sim, exigir que programas de transferência de renda sejam melhorados e ampliados. Que lutemos pelo SUS, pelas cotas nas universidades...

Ronaldo Coelho - Todos os países têm pensado no programa de renda mínima. O Suplicy, a pessoa que sempre defendeu isso no Brasil retomou para esse momento. Não sabemos como vai ser... Acho que nessa linha que você está falando, Andréia, sobre a perda da dignidade na situação de pedir esmola, estou aqui buscando fazer um movimento de empatia no sentido de me imaginar nessa situação. É um sofrimento tão grande que, como você falou, a marca que deve ficar possivelmente seja de uma ferida tão profunda que dificilmente a pessoa consiga se pensar em outra posição. Numa posição de potência, do tipo de "eu consigo fazer pelo meu próprio trabalho". Estou aqui pensando junto, enquanto você está falando... acho que fica uma sensação como se a pessoa entrasse num grau de sofrimento que ela pudesse, inclusive, se desautorizar como alguém que tem potência de garantir o próprio sustento por meio de seu trabalho. Ela desacreditasse dela mesma de tão degradante que é essa situação.

Andréia Alves – Pois é! E como aponta a comunidade científica, vamos demorar para sair de fato da pandemia, uma vez que teremos que lidar com as consequências dela em vários âmbitos da vida individual e social. Considerando também que sair dela não significa voltar para o que era antes, para a vida que conhecíamos antes da pandemia, que o normal não será o que estávamos familiarizados, que teremos que lidar com um novo normal e que muitas profissões, muitos trabalhos, muitos ofícios terão que ser repensados e reinventados, será preciso, minimamente, dar subsídios para essas pessoas que têm menos possibilidades financeiras, menos estrutura emocional, inclusive para se reinventar.

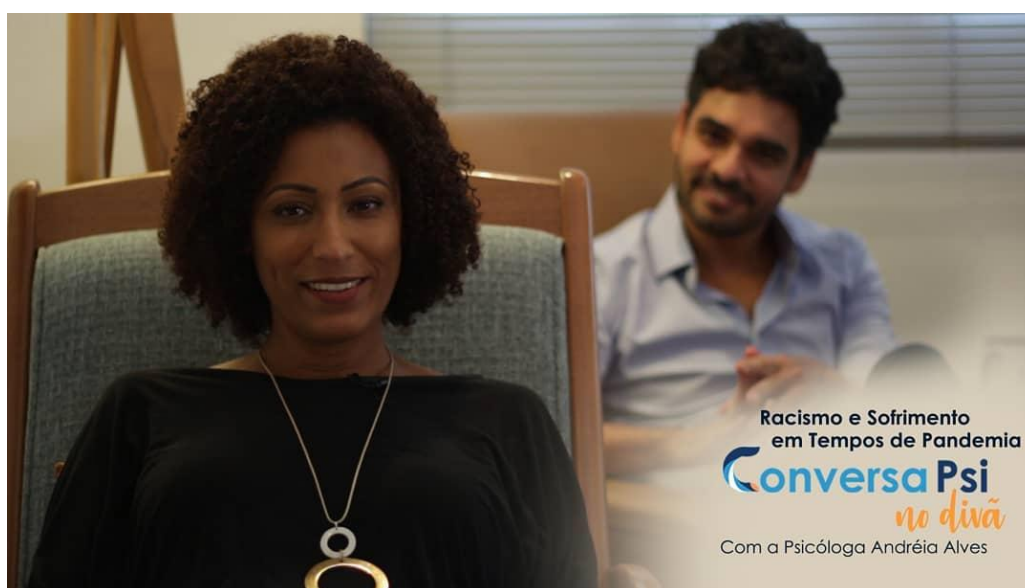
Ronaldo Coelho - E que socialmente estão renegadas a marginalidade, estão à margem do processo. No momento em que tudo se reconfigura, historicamente uma população que foi mantida à margem, muito provavelmente permanecerá mantida à margem. Acho que esse vídeo pode ajudar a repensar essa questão, nesse momento. Acho que pode ajudar pessoas negras e pessoas que atendem pessoas negras em seus consultórios, a perceber essas dimensões do sofrimento. É importante ter essa escuta. É importante a reivindicação social desse tipo de discussão, por exemplo. De fomentar essa discussão, porque às vezes pode ficar uma ideia de "Ah estamos na pandemia, não vamos falar sobre isso, vamos falar só do vírus". "Estamos todos no mesmo barco". Não, não estamos todos no mesmo barco!

Andréia Alves - Alguns estão em navios, outros estão em botes e outros estão à deriva, sem sequer uma boia. E voltando um pouquinho no que falei sobre muitas vezes não se ter estrutura emocional para conseguir se reinventar, queria esclarecer o que quis dizer para não parecer que não há força, porque força se tem, quanto a isso não há dúvidas. Tem uma frase da Conceição Evaristo que representa muito bem essa força: "combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer". Força nós temos, e muita, inclusive para se reinventar. Só que eu não gostaria que essa reinvenção fosse com tanto sofrimento, com tanta labuta, quanto vem sendo historicamente, desde a escravidão. E espero que possamos juntos, negros e brancos, nos reinventar. O sofrimento faz parte da vida, mas por que alguns têm que sofrer tão mais que outros?

Não há essa necessidade, sobretudo se pudermos nos ajudar. Ajuda essa no sentido que nos ensina a filosofia africana "Ubuntu": para que um esteja bem todos precisam estar bem. Eu sou porque somos. É preciso que todos, negros e brancos, estejam nessa luta, nessa reconstrução juntos, cada um do seu lugar de fala, mas entendendo que essa luta é de todos nós.

Ronaldo Coelho – Espero que esse vídeo contribua para reflexões. Que pessoas negras que passam por dores da maneira que aqui abordamos, possam considerar seu sofrimento, possam reconhecê-lo, porque quando a gente olha para o nosso sofrimento, a gente o reconhece. No primeiro momento pode ser que a gente se sinta fraco, mas é o caminho para que a gente possa se fortalecer. Há uma demanda muito grande de que você seja forte, então olhar para o sofrimento também é se fortalecer. Andréia, muito obrigado! Obrigado por ter vindo aqui no divã do Conversa Psi!

Andréia Alves – Obrigada pelo convite! Espero que as pessoas entendam o porque desse vídeo, desse chamamento, sobretudo nesse momento.



Clique na imagem para assistir a entrevista completa no Conversa Psi
(necessário conexão com a internet)

COMO CITAR ESTE TEXTO

Teixeira, A. A., Coelho, R. (2020) Racismo e sofrimento em tempos de pandemia - entrevista. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, 11 (1), 65-66.

RECEBIDO: 07/05/2020.
APROVADO: 21/05/2020.